

RESENHA

SERRA, Cris. 2024. *Para que tenhamos vida: saberes e fazeres de coletivos cristãos de feministas e dissidentes de gênero e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Metanoia.

Lorena Mochel¹

> lorimochel@gmail.com

ORCID: 0000-0002-0248-0322

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Nós seguimos, no impossível. E celebramos nossas vidas, justamente porque são impossíveis, e são também abundantes. E celebramos nossos encontros. Porque nós amamos uma festa. E quem vive quando não deveria viver sabe: a vida há que ser festejada. Em abundância. Este livro é uma celebração. Das nossas vidas. Dos nossos encontros.

(SERRA, 2024: 280, grifos no original)

Copyright © 2024 Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Festejar, nas experiências LGBTI+, sempre foi um ato político. É isto que nos mostram diferentes pesquisas sobre o assunto realizadas ao longo da trajetória de um campo de estudos que, na última década, presenciou múltiplas tentativas de sufocamento de sua existência dentro e fora das universidades brasileiras. A tese de doutorado de Cris Serra (*in memoriam*), defendida no Instituto de Medicina Social (IMS/ UERJ) e publicada em livro pela Editora Metanoia, mostra como a celebração tem sido a principal ferramenta teológica utilizada por cristãos dissidentes de gênero e sexualidade diante das profundas transformações político-religiosas vividas nos últimos anos.

Ao acompanhar os argumentos da autora¹, conhecemos diferentes estratégias formuladas por coletivos cristãos LGBTI+ e feministas para disputar o que seria a “tradição cristã” e, assim, alçar uma “teologia da celebração da diversidade” (: 283). Semelhante a outras teologias “da libertação” que inspiram estes movimentos, como a teologia negra, esta é uma perspectiva também originada “no deserto, no contexto da travessia do povo e da história construída a partir dali” (Pacheco, 2019: 16), formando um campo de insurgências que contestam regimes de autoridade feitos para subalternizar *os outros* da teologia (que se enxerga como) universal.

Diferente de um pessimismo analítico que erroneamente associa a ascensão do conservadorismo no Brasil exclusivamente à figura de Jair Bolsonaro ou aos “evangélicos”, a pesquisa realizada por Serra chama a atenção para o jogo de forças vivo e pungente constituído por frentes de luta cristãs que, historicamente, questionam *desde dentro* de suas igrejas o monopólio cisheteronormativo. Através de seu livro, conhecemos como mobilizações feitas por grupos católicos e evangélicos reconfiguraram modos como falamos sobre o encontro entre fé cristã, feminismos e dissidências de gênero e sexualidade no espaço público contemporâneo.

Sua escrita densa e provocativa nos convoca a evitar ciladas argumentativas comuns em análises sobre este encontro, frequentemente tratado na universidade como espinhoso. Uma delas está no uso da categoria religião, que muito facilmente recai para definições que não se enxergam fincadas em contextos sócio-históricos específicos. Cris Serra

¹ Cris Serra se apresenta no livro como pessoa não-binária (Serra, 2024: 97). A escolha por utilizar o gênero feminino esteve aqui orientada pelo modo como sua autoidentificação é feita ao longo da obra em questão.

opta por grifar *religioso* em itálico ao longo de seu trabalho, denotando um “sentido [que fica] em suspenso ou em discussão” (: 45).

Acionando uma vasta literatura pós-colonial sobre religião, secularismo e modernidade que tem Talal Asad (2021) e Saba Mahmood (2005) como referências fundamentais, a autora segue o empreendimento intelectual de pensar sobre religião como experiência e prática, e não simplesmente representação ou crença dotada de rígidas doutrinas que devem ser ora obedecidas, ora contestadas - para lembrar a importante crítica de Asad à categoria religião formulada por Clifford Geertz.

Ao radicalizar a dimensão empírica da fé, Serra rejeita ciladas maniqueístas para nos contar que religião é aquilo que se faz com ela no campo das relações. Seu mergulho analítico nos provoca a entender a categoria a partir dos modos como tem circulado no debate público, mobilizada tanto por sujeitos cristãos que vivem seus afetos dissidentes quanto por aqueles que rejeitam a possibilidade de articular estas experiências com o campo do sagrado.

Em quinze anos de ativismo no movimento católico feminista e LGBTI+, Cris Serra fez de sua memória visual e corporal campo de pesquisa, seguindo as pistas deixadas por autoras como Veena Das (2020) e Yuderkis Espinosa-Miñoso (2022) sobre documentar sua experiência e transformá-la através de interlocuções na pesquisa. Os efeitos marcantes destes encontros foram materializados em muitas homenagens que recebeu após nos deixar em 2023, reverberadas também neste livro a partir da apresentação de Sergio Carrara (UERJ), orientador da tese que resultou no livro, do prefácio de Ana Ester Freire (UFJF) e da contracapa de Vanessa Leite (UERJ).

O livro se divide em seis capítulos. No primeiro, intitulado “(Não aguento mais ser) testemunha ocular da história”: análise *a quente* em tempos vertiginosos, Cris Serra analisa a formação emergente de um quadro político à direita que se fortalece com a vitória de Jair Bolsonaro em 2018. Seu foco é na corrida eleitoral de 2022, quando categorias como “igreja”, “conservadorismo”, “mulheres”, “progressistas”, entre outras, demarcam posições que, em vez de dicotômicas, são vividas como porosas, permeáveis e mutuamente constitutivas no cotidiano dos ativismos políticos cristãos.

Do exercício antropológico de uma psicóloga que estranhava o familiar, Serra mapeia disputas tecidas em seus próprios espaços de fé ao longo de diferentes períodos, antes e depois de forças extremistas adentrarem o executivo federal em 2018. A importância da internet visibilizando eventos e mediando contatos em todo o Brasil, sobretudo durante a pandemia do (então) novo coronavírus, é fator levantado como funda-

mental para estas novas configurações de poder que adentraram a cena de disputas políticas dentro e fora dos coletivos cristãos progressistas.

Serra aponta como as novas tecnologias de comunicação são “caixas de ressonância” (:193) para o jogo relacional que desestabiliza a noção estática de identidade. Sua perambulação e organização ativa de eventos no campo cristão progressista constituiu parcerias que, na obra em questão, são somadas ao diálogo com intelectuais negras, lésbicas, mestiças, islâmicas, queer em encontros que consolidaram na autora o *sagrado político encarnado* tão característico de seu lugar no mundo.

No segundo capítulo, Serra dá dois passos atrás na linha cronológica dos fatos: a chegada de Bolsonaro à presidência é esmiuçada para apresentar a fotografia de um momento histórico que contou com a “consolidação do *poder evangélico* no imaginário público brasileiro” (:106). Introduzindo a pergunta “Tivemos nosso primeiro presidente evangélico?”, o capítulo apresenta o conjunto de atores e argumentos políticos que tornaram esta ideia possível, mesmo com a identidade católico romana de Bolsonaro. A autora sistematiza diversas aproximações explícitas e/ou sutis do ex-presidente com a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) desde quando ainda era um deputado com parca expressão na Câmara, até finalmente se sobressair através de defesas às pautas ligadas à moral sexual.

O terceiro capítulo traz uma continuidade a esta análise, com foco na construção da “teologia política bolsonarista” (: 121) e suas técnicas de aprimoramento do “carisma divino” (: 121). Segundo Serra, religião e família se forjam como as principais bases de sustentação da “cruzada anti-direitos, anti-gênero e anti-pluralista” (: 143) empreendida pelo “neconservadorismo” encabeçado por Bolsonaro e seus aliados, cujo objetivo seria aprofundar “estratégias polarizadoras do *nós* contra *eles*” (: 164).

A divisão do livro de Serra em duas partes fica mais evidente a partir do quarto capítulo. A análise dos primeiros capítulos sobre a gestão capilarizada na política institucional bolsonarista fornece lugar a uma apresentação detalhada sobre as redes feministas cristãs e LGBTI+ que se formaram em reação ao lastro de violência institucionalizada contra corpos dissidentes. Em um exercício cuidadoso de evocar a contribuição de sua posicionalidade na pesquisa, a autora se soma a outras identidades cristãs, a luta antirracista nas igrejas e ao combate às perspectivas salvacionistas advindas dos feminismos brancos.

No capítulo cinco, “meu corpo, minha fé: apropriações e subversões das feministas cristãs”, Cris Serra contrapõe uma ampla gama de iniciativas cristãs feministas a eventos antifeministas promovidos por mulheres

conservadoras que se autointitulam “empoderadas”, lideradas por figuras emblemáticas como Damares Alves e Michelle Bolsonaro. A leitura popular da Bíblia, historicamente promovida por mulheres em seus territórios, é combinada por Serra a outras estratégias criadas pela teologia *queer* para celebrar a sacralidade do prazer (: 242).

No sexto e último capítulo de seu livro, conhecemos sobre o movimento brasileiro de “cristãos LGBTI+” a partir de sua experiência no grupo Diversidade Católica do Rio de Janeiro. A autora retoma, ainda, questões formuladas ao longo dos capítulos sobre a internet como espaço de formação de contrapúblicos no campo “cristão progressista” (: 249). A internet, nesse sentido, também se torna arena de existência possível para as comunidades católicas de dissidentes de gênero e sexualidade que são impedidas pelo alto clero de se institucionalizar.

Uma celebração de Pentecostes, transmitida exclusivamente online em 2021 pelo YouTube como resposta à interdição de bençãos de lideranças católicas para casais do mesmo sexo, é um dos exemplos mais emblemáticos trazidos por Serra nesse sentido. Assim como o “Evangeli-cxs pela diversidade”, a autora explica que estes são movimentos cristãos que se diferenciam das chamadas “igrejas inclusivas” por reivindicarem por dentro, disputando permanências em seus espaços de fé de origem (: 266). Ao saírem do armário na igreja, estes sujeitos trazem à tona contradições e incoerências que constroem esta institucionalidade como experiência de “coerência e coesão pretendidas pela lógica prescritiva das normatividades” (: 269-270).

O ritmo imponente dos escritos de Cris Serra nos lembra sua voz. Cadenciada pelo tempo da urgência em viver, ouvi-la também era aconchego e firmeza. De uma única palavra em seu livro, brotam múltiplas citações, reverências aos encontros intelectuais e espirituais que afetaram sua trajetória como ativista e pesquisadora. Serra nos brindou com um arquivo primoroso em primeira pessoa, fruto de relações com experiências de fé tão similares quanto radicalmente distintas à sua. Seu livro é também legado de uma vida abundante em humildade para ensinar e aprender. Muito obrigada, Cris.

Recebido: 14/10/2024
Aceito para publicação: 21/10/2024

Referências

- ASAD, Talal. 2021. *Formações do secular: Cristianismo, Islã, modernidade*. Tradução: Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp.
- DAS, Veena. 2020. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp.
- ESPINOSA-MINÕSO, Yuderkis. 2022. *Escritos de uma lésbica escura: reflexões críticas sobre feminismo e política de identidade na América Latina*. Rio de Janeiro: Ape'Ku.
- MAHMOOD, Saba. 2005. *The Politics of Piety: the Islamic Revival and the feminist subject*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- PACHECO, Ronilso. 2019. *Teologia negra: o sopro antirracista do Espírito*. Brasília: Novos Diálogos.